

Leituras e Leitores na Universidade: Realidade Brasileira e Portuguesa

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves¹ (UNESP/ UFU)

RESUMO: O objetivo é analisar práticas de leitura de universitários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), da Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Marília) e da Universidade de Évora (UÉ)². Trata-se de uma pesquisa para descrever o perfil-leitor de universitários do curso de pedagogia e a universidade como espaço de formação leitora. O estudo na perspectiva teórica da leitura como prática cultural (Chartier) e como processo de enunciação (Bakhtin) deverá apontar práticas educativas e propostas pedagógicas para a formação leitora no âmbito do ensino, pesquisa e extensão na universidade.

RÉSUMÉ: L'objectif est examiner les pratiques de lecture des étudiants de l'Université Fédérale de Uberlândia (UFU), de l'Université d'État de São Paulo (UNESP) et de l'Université d'Evora (UÉ). C'est une recherche post-doctorale pour décrire le profil-lecteur d'étudiants dans l'enseignement supérieur des cours de pédagogie de l'éducation et de l'université comme un lieu de formation de lecteurs. L'étude est basée dans la perspective théorique comme pratique culturelle (Chartier) et processus d'énonciation (Bakhtine). Il devra indiquer des pratiques éducatives et des propositions didactiques pour la formation de lecteurs à l'université.

1. Introdução

Que “gestos, hábitos e espaços” constituem as práticas de leitura de universitários no ensino superior? Que situações e contextos de leitura caracterizam a universidade como espaço de formação de leitores? Estas são as questões a serem investigadas no desenvolvimento deste estudo.

O estudo enfoca a leitura como objeto e instrumento cultural complexo no mundo da escrita e suas tecnologias. Segundo Cavallo e Chartier (2002), as práticas de leitura definem-se a partir das maneiras de ler que se constituem de gestos, hábitos e espaços, organizam-se diferentemente nos mais diversos grupos de leitores e dependem de fatores como competência para ler, normas e convenções, que estabelecem usos legítimos do livro e outros suportes, maneiras de ler e interpretar e, ainda, expectativas e interesses. As práticas de leitura são abordadas como atividade discursivo-dialógica, pois para Bakhtin (1992^a; 1992^b), a vida é por natureza dialógica, sendo impossível conceber o homem fora das relações que o ligam ao outro. Essa relação funda a linguagem, atribui-lhe sentido e constrói sujeitos produtores de enunciados.

Somos leitores na escola e fora dela e nossas práticas de leitura se diferenciam de acordo com as condições subjetivas e objetivas em que nos encontramos, os espaços onde lemos, os objetivos que definimos, os suportes que temos em mãos, os interesses que nos movem, as comunidades leitoras com as quais nos identificamos, as práticas que herdamos e aquelas que reinventamos no cotidiano anonimamente. Hoje, a leitura e a escola encontram-se tão intimamente relacionadas, que, ao falarmos de leitura, a vinculamos aos espaços escolares, pois compete à escola ensinar instrumentos, formas de pensamento e conteúdos no processo de apropriação e objetivação dos indivíduos. A aprendizagem da leitura requer instrução, diferentemente da fala que aprendemos naturalmente ouvindo as pessoas em nosso entorno nos primeiros anos de vida. Para a maioria dos leitores, a aprendizagem da leitura passa por um processo de escolarização e depende do ensino sistematizado que cabe à escola oferecer.

Nos últimos anos, no Brasil e em Portugal, observa-se uma preocupação crescente do governo, da universidade e da sociedade em geral com a questão da leitura. Embora os dois países venham investindo em políticas públicas de leitura para formar leitores qualitativamente melhores, constata-se que ainda não estamos atingindo plenamente esse objetivo. Essa situação vem sendo detectada nos programas de avaliação internacional e nacional, como o PISA. O PISA é uma pesquisa trienal que avalia conhecimentos e competências em leitura, matemática e ciências de estudantes na faixa dos quinze anos, realizado atualmente em 65 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e países convidados. Em 2006, os resultados em leitura mostraram que o desempenho dos estudantes brasileiros foi menor que o de 2003, apenas 1,1% dos estudantes atingiram o nível mais alto de proficiência em leitura, enquanto 44%, alcançaram o nível 2, que implica em localizar informações diretas, fazer inferências simples, entender partes de um texto e usar algum conhecimento prévio para compreender o texto. Em 2009, a leitura foi o foco da avaliação do PISA. Em 2009, o Brasil passou de 396 pontos alcançados em 2006 para 412

¹ amebortolanza@uol.com.br

² Pesquisa de Pós-Doutorado supervisionada pela professora doutora Ângela Balça da Universidade de Évora, Portugal.

pontos, porém continua no nível 2 de proficiência. Ainda que tenha atingido 412 pontos em leitura, 49,6% dos 20 mil jovens brasileiros estão abaixo da proficiência considerada básica para leitura.

O governo português colocou em execução em 2006, a partir dos resultados do PISA e de outras avaliações internas, o Plano Nacional de Leitura (PNL) que visa melhorar os níveis de *literacia* dos portugueses para que estejam aptos a se apropriarem da escrita em qualquer circunstância da vida, desde a primeira infância até a idade adulta. Os programas escolares do PNL visam a promoção da leitura orientada em sala de aula, da leitura autônoma e de projetos que envolvam a comunidade educativa. Estão sendo desenvolvidos conjuntamente programas de promoção da leitura em família e da leitura pública.

No Brasil, organizações governamentais e não-governamentais vêm desenvolvendo projetos, programas que fomentam a leitura com a preocupação de melhorar a competência leitora dos brasileiros. Desde 1992, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), projeto de valorização social da leitura e escrita vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e ao Ministério da Cultura, atua hoje através de mais de 60 Comitês, que abrange cerca de 350 municípios brasileiros, desenvolvendo uma política de democratização do acesso à leitura. O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) é um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos empreendidos pelo Estado e pela sociedade, cuja finalidade é qualificar a capacidade leitora do Brasil, levando a leitura para o cotidiano dos brasileiros.

Organizações não-governamentais têm se dedicado inteiramente à promoção da leitura, como a Associação de Leitura do Brasil (ALB) que realiza o Congresso de Leitura do Brasil já em sua 18 edição e publica a revista *Leitura: Teoria & Prática*. *Leia Brasil* é uma organização não-governamental com a missão de incentivar e promover a leitura como instrumento de combate ao analfabetismo funcional, cujo programa “Caminhão Leitura” por meio de bibliotecas volantes atende centenas de escolas brasileiras.

Universidades brasileiras públicas e privadas desenvolvem programas de leitura, como o LerUERJ, Programa de Leitura da Universidade do Rio de Janeiro, Estação da Leitura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, o PROALE, Programa de Alfabetização e Leitura da Universidade Federal Fluminense, o CEALE, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais; o LEDUC, Laboratório de Estudos da Linguagem, Leitura, Escrita e Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; o ALLE, Grupo de Pesquisa Alfabetização e Escrita da Universidade Estadual de Campinas, o Portal das Linguagens da Universidade de Passo Fundo e outras instituições universitárias.

O Instituto Paulo Montenegro, a Ação Social do IBOPE e a Ação Educativa realizaram um extenso trabalho de pesquisa sobre a leitura no Brasil. A pesquisa denominada “Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional” (INAF), realizada em 2001, levantou informações sobre as habilidades de leitura da população brasileira entre 15 e 64 anos e foi publicada em livro, “Letramento no Brasil”. Em 2007, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, também publicada em livro pelo Instituto Pró-Livro, traçou um perfil minucioso de instituições, motivações e condições responsáveis pela formação de leitores e de não-leitores.

A pesquisa “Retratos de Leitura no Brasil” apontou que dos 55% da população brasileira considerada leitores, 54% são estudantes e 70% têm formação escolar, Ensino Fundamental (28%), Ensino Médio (27%) e Ensino superior (15%). Outra informação que aponta a centralidade da escola no processo de formação de leitores é o dado de que 3,4 livros lidos, num total de 4,7 são indicados pela escola.

2. Justificativa

Como professora e pesquisadora direcionei minhas pesquisas na pós-graduação para a abordagem das práticas de leitura de professores e alunos em contextos escolares e não-escolares. No Mestrado, a dissertação *O professor: um leitor escolarizado*, defendida em 2005, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mostrou que as práticas de leitura de professoras do Ensino Fundamental apresentavam maneiras de ler, suportes e objetivos de práticas leitoras escolarizadas, reproduziam maneiras de ler aprendidas na escola e, conseqüentemente, as professoras não se viam como leitoras. No doutorado, a tese defendida em 2010, *Entre gestos e práticas: leituras de mães, professoras e meninas de um Centro de Referência Down*, na UNESP, apontou a invisibilidade que as práticas de leitura dos alunos têm em contextos escolares e evidenciou que o Centro de Referência é um espaço mais de interdição da leitura que incentivo ao desenvolvimento de práticas de leitura. Este projeto tem a finalidade de analisar as práticas de leitura de universitários na graduação, especificamente do curso de pedagogia, uma vez que a formação de professores supõe também a formação de leitores proficientes.

Pude constatar nas pesquisas realizadas e na docência, que as práticas de leitura que circulam na sociedade, circulam também na escola, embora tenham pouca visibilidade em contextos escolares. É preciso conhecer os leitores e as leituras no ensino superior para repensar o papel da universidade como espaço

social de circulação de práticas de leitura e de formação leitora, considerando o entorno universitário como lugar social e histórico de leitores e leituras, portanto espaço de múltiplas comunidades leitoras.

Sabe-se que leitura e escola encontram-se atualmente tão intimamente relacionadas, que ao falarmos de leitura, a vinculamos aos espaços escolares, pois compete à escola ensinar instrumentos, formas de pensamento e conteúdos no processo de apropriação e objetivação dos indivíduos. A aprendizagem da leitura requer instrução, diferentemente da fala que aprendemos naturalmente ouvindo as pessoas em nosso entorno nos primeiros anos de vida. Para a maioria dos leitores, a aprendizagem da leitura passa por um processo de escolarização e depende do ensino sistematizado que cabe à escola oferecer. Esta situação parece ser a da maioria dos alunos que atualmente frequentam a universidade. Nesta perspectiva, é fundamental que a universidade configure-se como lugar de construção de leitores, pois de acordo com Balça et al (p.237), os alunos universitários “são leitores em construção”.

Observa-se que a escola ainda não cumpre com eficácia seu papel na formação de leitores maduros, autônomos e críticos. As pesquisas a respeito da leitura na educação básica evidenciam essa situação, porém há pouquíssimos estudos sobre as práticas de leitura de universitários e a universidade como espaço de formação leitora. É necessário que se realize pesquisas sobre a situação de leitura na universidade, que gerem dados sobre os leitores universitários e a universidade como “lugar social de formação leitora”.

No Brasil, o público-alvo dos programas escolares de leitura tem sido a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Também, em Portugal, “o Plano Nacional de Leitura (PNL) tem como público-alvo prioritário as crianças que frequentam a educação pré-escolar e os primeiros seis anos de ensino básico, numa lógica de começar a formar leitores, mas não de manter estes leitores em formação”, ainda que o Plano Nacional de Leitura pretenda atender até o ensino superior (BALÇA ET AL, 2010, p.238-239).

A escolha da UNESP para realização deste estudo justifica-se por já integrar oficialmente a Rede de Universidades Leitoras e a UFU pelo interesse em aderir a esta organização internacional. Trata-se de uma organização de universidades européias e latino-americanas criada em 2006, após o I Simpósio Internacional de Universidades Leitoras, realizado em Badajoz, Espanha. Mais de 20 universidades integram essa rede com o objetivo de “potencializar o papel da leitura e da escrita na universidade, não só como ferramentas de trabalho (a chamada alfabetização acadêmica), senão como veículo de promoção integral do universitário”. A primeira universidade brasileira a fazer parte da Rede de Universidades Leitoras foi a Universidade de Passo Fundo (UPF), sede do primeiro Encontro Internacional da Rede de Universidades Leitoras em 2009, que divulgou a “Carta de Passo Fundo”, na qual afirma que o “ensino superior é imprescindível para a formação integral dos estudantes, e desenvolvimento das competências e habilidades de leitura e escrita” (REDE DE UNIVERSIDADES LEITORAS, 2010).

3. Objetivos

O estudo tem como objetivo descrever o perfil-leitor de universitários dos primeiros anos dos cursos de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília), colhidos por meio de questionário. Pretende-se levantar situações e contextos de leitura na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e na Universidade Estadual Paulista (UNESP), coletados por meio de grupos focais com alunos concluintes para analisar o espaço de formação leitora desses alunos no ensino superior. Finalmente, comparar a realidade brasileira com realidade portuguesa, por meio de observações a serem realizadas durante estágio pós-doutoral em Portugal, na Universidade de Évora, no último trimestre de 2011 (UÉ).

4. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, pois “trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 1994, p. 21) levantados por meio de dados quantitativos e qualitativos que buscam caracterizar o perfil leitor dos alunos e de suas práticas de leitura na universidade.

4.1 O campo de pesquisa

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) está localizada no Triângulo Mineiro, em Minas Gerais. A UFU, criada em 1969, atualmente oferece cerca de 60 cursos de graduação, 23 de mestrado, 14 de doutorado, 30 cursos de especialização e 110 de extensão. Possui 28 unidades acadêmicas entre faculdades e institutos que abarcam as áreas de Ciências Biomédicas, de Ciências Exatas e de Ciências Humanas e Artes.

São mais de 1.300 professores, 17.000 alunos e cerca de 3.000 técnicos administrativos, distribuídos em 6 campi. A universidade é credenciada para ministrar ensino à distância, um dos cursos oferecidos é graduação em Pedagogia à distância que teve início em 2009 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2010).

O Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED-UFU) foi criado em 1959 e reconhecido em 1964. O regime do curso é anual com duração de quatro anos. Oferece anualmente quarenta vagas para o período diurno e quarenta vagas para o período noturno. O novo projeto político pedagógico (2006) do curso tem como objetivo geral formar profissionais para atuar na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, assim como nas disciplinas pedagógicas para formação de professores e gestão educacional. A Faculdade de Educação (FACED) da UFU disponibiliza informações sobre o curso em seu site oficial, www.faced.ufu.br.

A Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) foi criada em 1976, pelo agrupamento de 14 institutos isolados situados no interior do Estado de São Paulo, que funcionavam desde as décadas de 1950 e 1960. Sua estrutura multicâmpus está presente em 23 cidades do Estado de São Paulo, com 32 unidades, 169 opções de cursos de graduação e 110 mestrados acadêmicos, 4 mestrados profissionais e 91 doutorados acadêmicos, mais de 3,4 mil professores, cerca de 6,8 mil funcionários. Tem cerca de 35 mil alunos na graduação e 10 mil alunos nos programas de Pós-Graduação. A Faculdade de Ciências e Filosofia, unidade de Marília possui nove cursos de graduação e quatro Programas de Pós-Graduação, em torno de 123 docentes e 137 funcionários técnico-administrativos, mais de 1.600 alunos de graduação e perto de 300 alunos de pós-graduação.

O curso de Pedagogia da Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília, teve início em 1989. O regime do curso é semestral com duração de quatro anos. São oferecidas 120 vagas, sendo 80 vagas para o período noturno e 40 vagas para o período diurno. O objetivo do curso é formar profissionais de ensino, “ou seja, a formar o profissional que exerce e responde pela educação desenvolvida no âmbito da escola [...] formar especialistas nas várias áreas da atividade educativa – o administrador escolar, o supervisor de ensino, o orientador educacional e o especialista em educação especial”. As informações sobre o curso de pedagogia encontram-se disponíveis no site oficial www.marilia.unesp.br (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2010).

O Departamento de Pedagogia e Educação da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora (UÉ), campus universitário em que será realizado o estágio pós-doutoral sob a supervisão da professora doutora Ângela Balça, tem como objetivo “compreender os fenômenos educativos e os processos formativos, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação e formação”. De acordo com o site oficial da instituição, para atingir seus objetivos, é necessário “a colaboração de todos os agentes educativos – professores, formadores, técnicos de educação, investigadores, instituições públicas e privadas”, e por essa razão, é de fundamental “o desenvolvimento de projectos, a realização de parcerias e a colaboração interna e externa” (UNIVERSIDADE DE ÉVORA, 2010).

4.2 Instrumentos de pesquisa

Três instrumentos de pesquisa estão sendo utilizados na pesquisa: questionários, grupos focais e observações participantes.

4.2.1 Questionário

O questionário foi elaborado com nove tópicos: perfil dos sujeitos-participantes; suportes de leitura; acesso à leitura; espaços privados e públicos de leitura; tempos de leitura; propósitos e motivações de leitura; maneiras de ler e leituras; leitura e formação de leitores na escola; concepções de leitura e leitor. As questões apresentadas têm por objetivo levantar conhecimentos, opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações de leitura vivenciadas pelos sujeitos. (GIL, 2006). Participaram 56 universitários do primeiro do curso de pedagogia da UFU, sendo 26 alunos do período diurno e 30, do período noturno. Na Unesp, campus de Marília, participaram 24 alunos do período diurno e 54 alunos do período noturno,

somando um total de 78 alunos ingressantes no curso de pedagogia. O número total de sujeitos-participantes da pesquisa é de 138 alunos.

4.2.2 Observação participante

Segundo Macedo (2006, p. 91) “o processo de observação está inserido num processo de interação e de atribuição de sentidos”, sendo portanto uma fonte importante de informações em pesquisas qualitativas em educação. As observações participantes a serem realizadas no estágio pós-doutoral têm como finalidade levantar dados sobre as práticas de leitura de universitários do Departamento de Pedagogia e Educação da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, para comparar aos dados coletados sobre o perfil-leitor de universitários do curso de pedagogia da UFU e da UNESP.

4.2.3 Grupo focal

O grupo focal vem sendo frequentemente utilizado em abordagens qualitativas. Para Gatti (2005, p.7), “os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”. Por essa razão, optei empregar o grupo focal com alunos do último ano dos cursos de pedagogia da UFU e da UNESP/Marília para levantar dados específicos sobre situações e contextos de leitura que esses alunos vivenciaram ao longo do curso, tendo como tema central a discussão sobre a formação leitora na universidade. Serão formados dois grupos focais com alunos do último ano dos cursos de pedagogia da UFU e dois grupos focais com alunos concluintes do curso de pedagogia da UNESP do campus de Marília.

5. Algumas considerações

Partindo da descrição do perfil-leitor dos universitários participantes da pesquisa e da análise das discussões dos grupos focais, este estudo pretende contribuir para repensar o papel da universidade como espaço de circulação de práticas de leitura e de formação leitora de futuros professores, propondo ações pedagógicas para a formação leitora no ensino superior no âmbito do ensino, pesquisa e extensão.

Bibliografia

BAHKIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992^a

BAHKIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992b.

BALÇA, A. et al. *Leitores em construção(?): Leitura(s) no Ensino Superior em Portugal: alguns indicadores*. Universidade de Évora e Instituto Politécnico de Castelo Branco. Disponível em : http://www.universidadeslectoras.org/docs/praticas_lectura_y_escritura.pdf .Acesso em 03/11/2010.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental 2*. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CHARTIER, R. Aprender a leer, leer para aprender. In: *La lectura em España*, Madri, 2008. Disponível em: <http://www.lalectura.es/2008/chartier.pdf> Acesso em 17/12/2009.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, R. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHARTIER, R. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 5, n. 11, Abr. 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>> Acesso em 15/12/2009.

GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Editora Atlas, 2006.

MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.